

A FOME É SINAL DE CONTRADIÇÃO NUM TEMPO DE ABUNDÂNCIA

HUNGER IS A SIGN OF CONTRADICTION IN A TIME OF ABUNDANCE

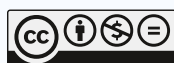
*Neri José Mezadri**

Resumo: Num contexto de alta produtividade é alarmante a situação em que vivem milhões de pessoas. Um dado aterrador é que a fome no mundo mata mais que os conflitos e o terrorismo. Por isso, ela é a maior das violências. O objetivo do texto é explicitar a realidade dramática da fome e apresentar indícios do porquê os dados alarmantes não superam os interesses privatistas. A pesquisa é de caráter bibliográfico e faz um diagnóstico da realidade global, buscando apontar alternativas. Enquanto em torno de 9,8% das pessoas no mundo sofrem com a fome, ao menos 29% da população mundial vive em situação de insegurança alimentar. O problema é estrutural e está ancorado na lógica concorrencial e no cálculo do interesse pessoal. Mudar esta realidade implica esforço conjunto e muita disposição. Os indícios da racionalidade que orienta o modo de vida predominante no contexto atual tornam exíguos os sinais de mudança no curto prazo.

Palavras-chave: Fome. Insegurança. Desigualdade. Mercado. Solidariedade.

Abstract: In a context of high productivity, the situation that millions of people are living in is alarming. One terrifying fact is that hunger in the world causes more deaths than conflicts and terrorism, making it the most significant form of violence. The purpose of this text is to expose the dramatic reality of hunger and provide evidence as to why these alarming figures do not outweigh private interests. The research is based on bibliographic sources and diagnoses the global reality, seeking to propose alternatives. While approximately 9.8% of the world's population suffers from hunger, at least 29% of the global population lives in a state of food insecurity. The problem is structural and rooted in competitive logic and self-interest calculations. Changing this reality requires joint effort and strong determination. The indications of the rationality guiding the prevailing way of life in the current context make the prospects of short-term change minimal.

Keywords: Hunger. Insecurity. Inequality. Market. Solidarity.



1 INTRODUÇÃO

A fome é um problema que afeta diariamente milhões de pessoas de várias idades mundo afora. E quem enfrenta essa realidade dramática, além da dor gerada pela própria fome, sofre com inúmeras consequências causadas pela desnutrição e se sente atingido em sua dignidade. O fato social da existência da fome deve ser tratado como um escândalo inaceitável. Enquanto existir fome no mundo estamos atestando que o projeto de sociedade, por mais que haja avanços extraordinários em diversas áreas, é fracassado. Do ponto de vista espiritual e teológico, o projeto humano, criado à imagem e semelhança de Deus, e o projeto de vida compartilhada e fraterna está distante de ser concretizado. A fé de Jesus – do Filho encarnado – no Deus Criador, Libertador e Salvador, é incompatível com a existência de pessoas sem acesso aos bens básicos à sobrevivência, e a alimentação é o mais básico para manter o curso da vida. Independentemente de qualquer outra realidade, a condição de “semelhante” deve nos mover a um compromisso incansável para garantir alimentação a todos os seres humanos. Seja através da motivação ética ou política, seja em função e motivados pela fé, como é o caso dos cristãos, trata-se de um compromisso em defesa da vida e da dignidade das pessoas. A Campanha da Fraternidade de 2023 provoca a pensar e a assumir atitudes pessoais em compromisso com a transformação de toda realidade injusta, que produz desigualdade, miséria e fome.

Entender melhor esse contexto de disparidades é um passo importante, e há muito a ser compreendido para se chegar a um diagnóstico acerca da realidade onde se produz como nunca e em que muitas pessoas passam fome. É preciso atentar também para o fato de um problema como esse, de tamanha gravidade, não ser transformado em compromisso e muito menos obsessão nossa para ser resolvido. Significa que a racionalidade que predomina no meio social, e toma conta da nossa mente e do nosso coração, não está fundada na solidariedade e na fraternidade, mas no egoísmo e na satisfação dos próprios desejos, extensiva, no máximo, “aos seus”. Nossa subjetividade focada nos afazeres cotidianos e nas metas pessoais, estudo, trabalho, com a própria sobrevivência e conforto nos torna indiferentes ao outro. Essa subjetividade é produzida num contexto que desperta para a satisfação de nossos próprios interesses. Isso tem relação com o sistema econômico produtivo (ou improdutivo) e com as decisões políticas, quer fortaleçam a mesma lógica e racionalidade baseada no lucro e nos interesses privados em detrimento dos vínculos sociais e coletivos. Dito de outra maneira, a fome é produzida socioeconomicamente e sustentada política e culturalmente à medida que legitimamos um modelo de sociedade e agimos pessoalmente para manter de pé essa lógica. Consciente ou inconscientemente, de forma deliberada ou não, acabamos tendencialmente aceitando e, muitas vezes, reproduzindo senão reforçando através de nossas atitudes individuais, portanto, ficando indiferentes com quem não tem o que comer. Mudar isso não é fácil porque as estruturas de poder e o intercâmbio econômico e político, alteram-se em redes “autossustentáveis”. Mudar essa realidade exige atuação em vários níveis e articulação em diversas frentes, tendo o conhecimento acerca das implicações econômicas e políticas como aliado.

Tomamos, como objeto nesse artigo, a realidade da fome em nível mundial, tendo como pano de fundo alguns dados de uma situação que já era trágica e se agravou com a pandemia. O objetivo é contextualizar ao máximo esses dados para que se tenha a dimensão de duas perspectivas que precisam ser marcadas: a) a fome (e a pobreza, a miséria de um modo geral) é consequência da concentração de renda e riqueza, não mera consequência de decisões individuais; b) não há solução para a fome sem mudanças econômicas estruturais e, portanto, sem mexer em questões fundamentais do modelo de desenvolvimento econômico. Um sistema que coloque o lucro acima das pessoas não pode

ser aceito como solução para os problemas da humanidade. A solução exige seriedade, competência e criatividade na questão econômica e compromisso político com a transformação da realidade. Não se pode projetar a utopia de uma sociedade para todos, promovendo o ódio a grupos e pessoas e fazendo predominar estruturas de morte.

Noutra direção e de modo complementar faz-se mister atuar para transformar a subjetividade e a racionalidade predominantes, a fim de viabilizar utopias ou sonhos coletivos. A materialidade da vida, sustentada pela economia de mercado, produz uma racionalidade coletiva que captura a subjetividade das pessoas, condicionando os sonhos para os quais vale a pena dispensar energia. Ocorre que a utopia de uma sociedade onde caibam todos não se fortalece num contexto reduzido à competição, à concorrência, marcas da subjetividade neoliberal fundada na “governança de si”. É o cultivo de um espírito fraterno e o incentivo a práticas cooperativas e comunitárias que podem produzir uma nova estrutura e seu “espelhamento” em termos de utopia. Não significa que não existam iniciativas e práticas baseadas em perspectivas de solidariedade. Numa sociedade complexa, de múltiplas preocupações, ocupações e exigências, e em que somos dependentes da renda do trabalho, é difícil manter níveis de tranquilidade para desacelerar e cultivar o espírito coletivo. Essa dependência da lógica trabalhista atual é produto, em grande parte, da corrosão progressiva dos direitos e da diminuição proporcional do poder de compra do salário. Desse modo, é fundamental associar as condições materiais, ou seja, a reestruturação de práticas econômicas menos agressivas e competitivas ao cultivo de outro modo de vida, desacelerado e do cuidado de si e do outro.

A intenção é deixar claro que não existe solução milagrosa ou simples, além de explicitar que não se pode fugir de questões políticas e/ou econômicas para evitar a todo custo a polêmica. Neste sentido, precisamos olhar para o sistema econômico e político por seus efeitos prejudiciais ou benéficos para o conjunto da sociedade, sem nos ater a contornos ideológicos. As grandes transformações tecnológicas e nos processos produtivos conduzidas por uma determinada racionalidade apresentam inúmeros desdobramentos que buscamos desvendar. Assim, além de apresentar dados acerca da fome, assinalamos traços da realidade socioeconômica e política, com as implicações para a produção agrícola e seus desdobramentos da fome no mundo. O texto está organizado em dois grandes tópicos principais: a) dados da realidade da fome no mundo; b) principais causas da fome. Faz-se também alguns indicativos em busca de saídas ao problema.

2 A FOME NO MUNDO A PARTIR DE ALGUNS DADOS

Quando se fala em fome, a dor que ela causa não pode ser traduzida em números, é experimentada cotidianamente e produz efeitos devastadores para o desenvolvimento do ser humano, atingindo e aniquilando a vida física, chegando, em muitos casos, à morte. A coleta de algumas informações tem o objetivo de dar uma dimensão do problema e o trabalho que precisa ser feito para sonhar com um mundo sem fome. Tarefa que, infelizmente, parece bem distante. Vamos ordenar alguns números, com a intenção de identificar tendências, o que revela um ambiente dramático porque a situação piorou nos últimos anos. Estima-se que, em 2019, 821 milhões de pessoas sofriam de insegurança alimentar no mundo, 149 milhões das quais estavam em situação de crise de fome ou pior¹. Dados mais recentes, do relatório do índice Global da Fome (IGF)², apresentados em outubro de 2022, indicam que o problema da fome em geral atinge quase 830 milhões de

1 OXFAM, *O Vírus da fome*: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto, p. 1.

2 O relatório foi organizado pela organização não governamental da Alemanha Welthungerhilfe (ajuda mundial para a fome) em 13 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/10/13/fome-atinge-quase-830-milhoes-em-todo-o-mundo.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 mar. 2023.

pessoas no mundo todo. Para o relatório do IGF, os famintos no mundo aumentaram de 811 milhões para 828 milhões entre 2021 e 2022³. Em termos percentuais, segundo dados da ONU mais de 11% da população mundial foi atingida por insegurança alimentar grave entre os anos de 2020 e 2022. Ao todo, somando insegurança alimentar grave e moderada, chegamos ao percentual assustador de 29,5% da população, totalizando 2,3 bilhões de pessoas⁴.

A fome é definida pela Organização das Nações Unidas (ONU), como “privação de comida” ou “má alimentação crônica”, responsável por causar sensação desconfortável ou dolorosa energia insuficiente. A insegurança alimentar grave indica situações de fome durante o ano, indicando que as pessoas desse grupo “experimentaram fome e, no extremo, ficaram sem comida por um dia ou mais”. Já a insegurança alimentar moderada aponta a “falta de acesso consistente” aos alimentos, indicando que as pessoas desse grupo “enfrentam incertezas sobre sua capacidade de obter alimentos e foram forçadas a reduzir, algumas vezes durante o ano, a qualidade e/ou quantidade de alimentos que consomem por falta de dinheiro ou outros recursos”⁵. O mais grave é a tendência crescente dos últimos anos, indicando que, além de não atingir as metas de acabar com a fome no mundo até 2030, manter números alarmantes. Em se tratando de fome, uma pessoa nessas condições seria suficiente para definir uma situação inaceitável, contudo os números não carregam o drama da realidade e acabamos anestesiados pela rotina e naturalizando o drama vivido por muitos.

2.1 A crise expressa a realidade conjuntural de um problema estrutural

Em situações de crise, independente na natureza dela, econômica, política, militar, sanitária ou climática a tendência é que os primeiros a serem atingidos sejam os grupos sociais mais vulneráveis, seja em termos de saúde ou pela condição socioeconômica. As pessoas submetidas a condições de desemprego, subemprego ou instabilidade financeira tendem a sofrer consequências mais severas. Não foi diferente com a pandemia, embora um nível de sofrimento colocou-nos na mesma condição. As pessoas que não tinham renda fixa e/ou eram atendidas por alguns programas sociais foram as primeiras a se depararem com o drama da fome, algumas delas já enfrentavam ou haviam enfrentado situações semelhantes em outros momentos. “As mulheres e crianças são desproporcionalmente afetadas em períodos de crises econômicas e insegurança alimentar”⁶. Outro grupo bastante impactado é o das comunidades indígenas, principalmente seus idosos e crianças pequenas⁷. Esta desigualdade estrutural que tem repercussões distintas pelas circunstâncias regionais, tem consequências mais ou menos proporcionais aos dramas já experimentados cotidianamente.

Nas 10 regiões (ou países) com a maior incidência de fome extrema a crise se acirrou em decorrência da pandemia. São elas: Iêmen, República Democrática do Congo, Afeganistão, Venezuela, região do Sahel da África Ocidental, Etiópia, Sudão, Sudão do Sul, Síria e Haiti. Juntos, esses países e regiões abrigavam 65% das pessoas em situação de crise de fome em todo o mundo⁸. Países com renda média como Índia, África do Sul e Brasil estão experimentando níveis de fome crescentes à medida que milhões de pessoas que estavam conseguindo se alimentar razoavelmente a duras penas foram empurradas para

3 UOL, *Fome atinge quase 830 milhões em todo o mundo*, 2022.

4 Brasil tem mais de 21 milhões de pessoas que não têm o que comer todos os dias e 70,3 milhões em insegurança alimentar, diz ONU, G1, 2023.

5 RIVEIRA, Carolina, Fome dispara no mundo e ONU aponta soluções; veja destaques do Brasil e outros países, *Exame*, 2022, p. 4.

6 OXFAM, O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto, p. 6.

7 *Ibid.*, p. 21.

8 *Ibid.*, p. 2.

uma situação de fome pela pandemia⁹. O relatório “expõe um sistema alimentar que tem mantido milhões de pessoas em situação de fome em um planeta que produz alimentos mais que suficiente para todos”¹⁰.

No Reino Unido, “nas primeiras semanas de *lockdown* no país, cerca de 7,7 milhões de adultos foram obrigados a reduzir o tamanho das suas refeições ou pular refeições, e até 3,7 milhões de adultos precisaram recorrer à comida de caridade ou a um banco de alimentos”¹¹. Segundo estimativa da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de “305 milhões de empregos em período integral foram perdidos devido à pandemia, afetando principalmente mulheres e jovens. Essa perda de empregos pode empurrar até meio bilhão de pessoas para a pobreza”¹². Onde impera concentração e desigualdade extremas, a ponta mais frágil, as camadas populares, já submetidas à instabilidade e baixo retorno financeiro, são as primeiras a sentir os efeitos de qualquer tipo de crise, seja ela climática ou sanitária.

Em todo o mundo, 61% das pessoas trabalham na economia informal. Quarenta por cento são mulheres e muitos são jovens – na verdade, três quartos dos jovens adultos ganham a vida no setor informal. Esses trabalhadores, que incluem ajudantes domésticos, vendedores ambulantes, motoristas de entrega e assalariados diários em canteiros de obras, foram particularmente afetados pela pandemia, já que não têm segurança no emprego e acesso aos benefícios do emprego formal, como o do seguro-desemprego¹³.

Outra realidade de muitas famílias pobres e que tem gerado sofrimento é a queda nos fluxos de remessas, o dinheiro que trabalhadores migrantes enviam para as suas famílias do exterior, consequência do aumento no desemprego. “As remessas globais totalizaram US\$ 554 bilhões em 2019 e são uma tábua de salvação para milhões de famílias que vivem em situação de pobreza”¹⁴. A estimativa do Banco Mundial é de que pandemia implique numa redução de 20% nas remessas para países de baixa e média renda, o que equivale a um montante de US\$ 100 bilhões¹⁵. As mulheres são as mais afetadas, seguidas pelos trabalhadores informais e pequenos produtores rurais, atingidos pelas consequências econômicas da pandemia¹⁶. As mulheres sofreram ainda mais com a sobrecarga de trabalho não remunerado, aumentando de forma dramática no período da pandemia por conta da doença e do fechamento de escolas¹⁷. “Uma pesquisa realizada em assentamentos informais em Nairóbi, por exemplo, revelou que 42% das mulheres não estavam encontrando trabalho remunerado por conta do aumento da sua carga de trabalho com cuidados e atividades domésticas provocado pela pandemia e pela resposta a ela”¹⁸.

A produção de alimentos é uma realidade multifacetada e que também teve múltiplas implicações e o envolvimento de diferentes sujeitos em interação por distintas perspectivas ou interesses. Durante a pandemia a alteração de preços parece ter dificultado o acesso. Por um lado, o índice de preços dos alimentos da ONU para a Alimentação e Agricultura (FAO), que acompanha o preço médio pago por supermercados e outros varejistas por uma cesta de produtos básicos, caiu. Por outro lado, os preços ao consumidor subiram a patamares considerados acima do razoável em muitos países em decorrência de rupturas nas cadeias locais de produção e abastecimento, da inflação, de

9 *Ibid.*

10 *Ibid.*

11 *Ibid.*

12 *Ibid.*, p. 5.

13 *Ibid.*

14 *Ibid.*

15 *Ibid.*

16 *Ibid.*, p. 6.

17 *Ibid.*, p. 7.

18 *Ibid.*

corridas às compras¹⁹, entre outros fatores. “Nos Estados Unidos, por exemplo, os preços ao consumidor dos gêneros alimentícios aumentaram 2,6% em média, mas a renda agrícola caiu”²⁰. A tendência de queda nos rendimentos dos pequenos produtores teve destaque em países como Uganda, Hong Kong, Nepal, Guatemala e Zâmbia, em decorrência dos impactos das restrições impostas a viagens em resposta à pandemia do COVID-19.

Pequenos agricultores de Zâmbia disseram que não estavam conseguindo vender seus produtos devido ao fechamento dos mercados locais ou porque estavam preocupados com a possibilidade de contraírem o vírus. Os que estavam conseguindo comercializar seus produtos afirmaram que estavam recebendo menos que o normal por eles. No Nepal, intermediários que compram legumes e hortaliças em chácaras para comercializá-los em mercados locais não têm podido fazer isso, privando muitos agricultores de uma fonte vital de renda. Em Uganda, as medidas de *lockdown* coincidiram com a estação da sementeira. Medidas como o distanciamento social e o fechamento de mercados comunitários não permitiram que agricultores comprassem sementes ou atrasaram o plantio. Areo Joyce, um pequeno agricultor, disse o seguinte à Oxfam: “Não é permitido trabalhar com o grupo completo. Trinta pessoas não podem trabalhar ao mesmo tempo na mesma horta. Isso atrasou o plantio”²¹.

Da agricultura à ajuda humanitária, vai ficando claro que a situação dramática da fome está ligada a um modelo econômico e a uma estrutura que mantém e usa-se de crises reais ou provocadas para ampliar as desigualdades. O que é aparentemente contingente, também reflete o que é prioridade, como é o caso de países que já passavam por situações dramáticas e dependiam da ajuda humanitária. “O Afeganistão - país que vem enfrentando a pior crise humanitária do mundo - recebeu apenas 6% do total de US\$ 60 milhões necessários para financiar seus programas de segurança alimentar em resposta à COVID-19”²². É importante reforçar que a desigualdade não é provocada, senão exacerbada pela pandemia, pois já experimentamos tempos de extrema desigualdade. “Enquanto quase metade da humanidade sobrevive a duras penas com menos de US\$ 5,50 por dia, os 2.200 bilionários do mundo detêm uma riqueza maior que a de 4,6 bilhões de pessoas juntas”²³. A consequência em termos de alimentação é que, enquanto as famílias ricas gastam uma parcela pequena de sua renda com comida, os mais pobres comprometem 50% da renda com alimentação, estando mais suscetíveis às oscilações de preço²⁴.

2.2 O vírus da crise sanitária e o “vírus” da fome

A expressão de uma mulher afegã entrevistada pela Oxfam²⁵ expressa com transparência cristalina o desespero de quem não tem escolha: “A pobreza é outra doença, tão perigosa quanto esse vírus e, se as pessoas continuarem a ficar em casa dessa maneira, muitas famílias poderão morrer de fome”. O drama é de quem conhece a dor da fome pela experiência, de quem sente em seu corpo a gravidade da situação. Mais de um terço da população do Afeganistão, aproximadamente 11,3 milhões de pessoas, vive em situação de insegurança alimentar, entre elas quase quatro milhões a um passo de passar fome, quase 41% das crianças tiveram seu desenvolvimento prejudicado pela desnutrição²⁶. Toda vez que a falta de horizonte ou perspectiva é posta diante das pessoas que não vislumbram saída, há submissão a condições ainda mais degradantes. É o que ocorre, por exemplo, em situações de precarização das condições de

19 *Ibid.*, p. 8.

20 *Ibid.*

21 *Ibid.*, p. 8–9.

22 *Ibid.*, p. 9.

23 *Ibid.*, p. 12.

24 *Ibid.*

25 *Ibid.*, p. 16.

26 *Ibid.*

trabalho, em que as pessoas são submetidas a situações análogas à escravidão. O que é terrível de admitir para a condição humana é que na outra ponta está o aumento da margem de lucros.

Talvez todos já tenham sentido a sensação de vazio no estômago, o que pode ser comum, antes de se alimentar, ou em algum dia em que precisou retardar uma refeição por diferentes motivos. O drama é sentir com frequência esta sensação e permanecer com ela, sem a certeza de poder se alimentar. “A energia proveniente dos alimentos em forma de calorias é a carga de que o corpo precisa para manter suas sustentação e saúde. E para saciar a necessidade de alimento do corpo, é preciso atenção a duas medidas: quantidade e qualidade de comida”²⁷. Quanto à quantidade de calorias necessárias é fácil identificar, no mínimo igual às gastas para realizar as atividades rotineiras, o que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), equivale a 2.500 por pessoa por dia²⁸; já no que diz respeito à qualidade, indica-se ingerir 6 classes de nutrientes para o bom funcionamento do organismo: carboidratos, gorduras, proteínas, vitaminas, minerais e água²⁹.

O “vírus da fome” tende a matar de forma lenta, passando da sensação angustiante nos primeiros três dias sem comida, para o consumo das reservas até o décimo dia, desde que beber água, para o consumo das proteínas e a consequente atrofia muscular entre os 10 e 15 dias. A partir de 20 dias sem se alimentar o corpo desenvolve uma espécie de canibalismo interno, passando a consumir as próprias proteínas, tecidos e órgãos para suprir a necessidade de energia, durante até 60 dias, em completa debilitação física e mental³⁰. Os efeitos da fome sobre o corpo são muito importantes e apresentam sequelas ao desenvolvimento saudável, o que leva a imaginar o que produz sobre o desenvolvimento infantil, tanto em termos mentais/intelectuais quanto físicos. Um cérebro saudável gasta 20% da energia oriunda da alimentação³¹, impedindo a concentração das crianças famintas, quando conseguem estar na escola. Os efeitos da fome e da desnutrição se estendem para o coração, que encolhe e diminui a capacidade de bombear o sangue de forma adequada, e para os demais órgãos vitais que deixam de filtrar toxinas e enfraquecem o sistema imunológico, além de atingir pele e ossos em seu desenvolvimento saudável³².

E o “vírus da fome” parece estar longe de ser controlado. “A fome aumentou em todo o mundo nos últimos dois anos, e a situação não está perto de melhorar, aponta novo relatório de braços de agricultura, alimentação e saúde da Organização das Nações Unidas”³³. Para o presidente do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Gilbert Houngbo, “são números deprimentes para a humanidade. Continuamos nos afastando da nossa meta de acabar com a fome até 2030”³⁴. O atual modelo de desenvolvimento condiciona a produção agrícola à planta industrial, ao uso de insumos químicos e não voltada para a segurança alimentar e o alívio da pobreza de milhões de pessoas. “Se o combate à fome já era um desafio antes, a situação se intensificou com questões como o aumento da cotação de grãos e outros itens essenciais no mercado internacional, além dos gargalos na cadeia de suprimentos que têm gerado inflação em todo o mundo”³⁵.

A marca da desigualdade coloca em situações dramáticas sujeitos que atuam em duas pontas distintas do sistema de produção de alimentos: os que são vítimas da fome e pequenos agricultores. Os agricultores produzem mais de 70% dos alimentos consumidos por pessoas que vivem na Ásia e na África subsaariana, além de mais de 1,7 bilhão de

27 GUIA A FOME NO MUNDO, *Causas, consequências e soluções para um mal que assola o planeta*, p. 14.

28 *Ibid.*, p. 14-15.

29 *Ibid.*, p. 15.

30 *Ibid.*, p. 19.

31 *Ibid.*, p. 21.

32 *Ibid.*

33 RIVEIRA, Carolina, *Fome dispara no mundo e ONU aponta soluções; veja destaques do Brasil e outros países*, p. 1.

34 *Ibid.*

35 *Ibid.*

peças que trabalham em outras regiões, apesar disso estão com dificuldades de suprir suas próprias necessidades alimentícias³⁶. Entre as principais causas estão o baixo investimento na agricultura, infraestrutura, acesso a informações e tecnologias, importantes para acessar mercados, aumentar a produtividade e se adaptar ao clima hostil. Exemplo disso é que, entre 2014 e 2018, apenas oito países africanos gastaram 10% ou mais do orçamento governamental com agricultura. Pequenos agricultores também são frequentemente forçados a concorrer com produtores rurais de países ricos que recebem subsídios de seus governos³⁷.

Os conflitos armados e as guerras, independentemente se são locais ou de grandes proporções e das motivações, e a pobreza estrutural de algumas regiões são potenciais contágios deste vírus. Se os conflitos estão entre as principais causas da escassez de alimentos, não é de surpreender que 8 dos 10 países e regiões com a maior incidência de fome extrema estejam sendo afetados por níveis elevados de violência e insegurança³⁸. Segundo dados de 2019, 60% das 821 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e cerca de 80% das crianças com desenvolvimento comprometido pela desnutrição do mundo viviam em países afetados por conflitos³⁹. “Devastado por mais de cinco anos de guerra, o Iêmen⁴⁰ está passando pela pior crise humanitária e de segurança alimentar do mundo. Dois terços da sua população - 20 milhões de pessoas - estão passando fome e quase 1,5 milhão de famílias dependem de ajuda alimentar para sobreviver”⁴¹.

Quando se soma aos conflitos outras situações como as crises climáticas, a situação fica difícil de ser contornada. É o caso do Sudão do Sul, onde o alerta da ONU é de que 5,5 milhões de pessoas são atingidas pela fome, consequência das secas e inundações periódicas que destroem lavouras e matam rebanhos⁴². “Mais recentemente, enxames de gafanhotos do deserto têm devorado plantações e pastagens e há temores de que esses enxames - que podem conter centenas de bilhões de gafanhotos - aumentem ainda mais”⁴³. Na região do Sahel da África Ocidental, composta por Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria e Senegal, ainda fica em evidência a falta de apoio governamental, gerando a crise de fome que mais cresce no mundo⁴⁴. “Entre março e maio de 2020, estima-se que 13,4 milhões de pessoas estavam precisando de assistência alimentar imediata na região, em decorrência de conflitos, das mudanças climáticas e da falta de apoio a pequenos produtores rurais e de medidas para promover uma distribuição igualitária da riqueza⁴⁵. A violência forçou 4,3 milhões de pessoas a abandonarem seus lares, deixando 24 milhões de pessoas carentes de assistência humanitária urgente, metade das quais crianças⁴⁶. “A insegurança também afetou a capacidade das pessoas de cultivar lavouras e criar gado, especialmente no Chade, Burkina Faso e região norte do Senegal”⁴⁷.

A América Latina, que havia avançado neste tema, está longe de resolver o problema. O Brasil é um exemplo de movimentos significativos para acabar com a fome e que passa por uma queda brusca nos últimos anos. “O Brasil voltou a ter prevalência de subalimentação de 2,6% no biênio 2018-2020, e o número subiu para 4,1% da população no

36 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 10.

37 *Ibid.*

38 *Ibid.*, p. 13.

39 *Ibid.*

40 Localizado no Oriente Médio, a República Democrática do Iêmen, faz divisa, ao norte, com a Arábia Saudita. É um território montanhoso e uma região fértil, tendo entre as marcas culturais a forte tradição islâmica. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/iemen.htm>> Acesso 31 mar./2013.

41 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 14.

42 *Ibid.*, p. 17.

43 *Ibid.*

44 *Ibid.*, p. 18.

45 *Ibid.*

46 *Ibid.*

47 *Ibid.*

biênio 2019-2021 [...]. O número atual no Brasil é o pior desde o período 2008-2010⁴⁸. A Venezuela, a Argentina e a Colômbia, por exemplo, também apresentaram dificuldades na resolução de problemas da pobreza, com graves situações de fome da população. Após uma crise econômica de grandes proporções e duradoura, a Venezuela estava mal preparada para enfrentar a pandemia. “Mesmo antes da eclosão da pandemia, mais da metade das pessoas em situação de fome na América Latina viviam na Venezuela⁴⁹. No ano de 2019, “9,3 milhões de pessoas não estavam se alimentando adequadamente no país devido ao desemprego em massa, à queda de renda, a um acesso muito limitado à ajuda humanitária e à hiperinflação, entre outros fatores⁵⁰.”

Em termos gerais, não é difícil de identificar a dramaticidade da realidade.

Em 35 países, a situação da fome foi classificada como grave. Em nove, como muito grave. As maiores taxas estão no sul da Ásia e na África subsaariana. O Iêmen é atualmente a nação com o pior desempenho, com uma pontuação de 45,1 – sendo que, quanto mais próximo de zero, melhor a situação da fome no país. República Centro-Africana, Madagascar, República Democrática do Congo e Chade completam a lista com as piores estatísticas. “Como mostra o IGF 2022, a situação global da fome é sombria. A sobreposição de crises que o mundo enfrenta revela as falhas dos sistemas alimentares, dos globais aos locais, e reforça a vulnerabilidade das populações de todo o mundo em relação à fome”, escreve a ONG⁵¹.

Num contexto em que aproximadamente 29% da população mundial apresenta um grau ao menos moderado de insegurança alimentar, o que equivale a 2,3 bilhões de pessoas, é fácil identificar um retrocesso aos patamares de 2015, quando foi lançado o objetivo de acabar com a fome e a insegurança alimentar até 2030. “Segundo os especialistas, ‘sem uma mudança significativa’ a situação deve se agravar em 2023, e, neste momento, não há projeções de que o mundo alcance um nível baixo de fome até 2030, conforme previsto na chamada Agenda 2030, traçada pela ONU e composta por objetivos de desenvolvimento sustentável⁵².”

3 AS PRINCIPAIS CAUSAS DA FOME NO MUNDO

Uma análise mais ampla deve ultrapassar a linha das causas diretas que podem estar vinculados a fenômenos naturais/climáticos como secas e/ou políticos, como guerras e outras decisões governamentais de grande impacto à população⁵³, sem tirar a importância destas. Faz-se necessário reforçar que não se restringem às decisões pessoais cotidianas, porque não são elas as causas principais da pobreza, da miséria e da insegurança alimentar de milhares de famílias. Ao lado das decisões e da materialidade dos fatos, constitui-se uma racionalidade predominante, transformada em modo de vida competitivo, adequado às regras (escritas ou não) de funcionamento da economia. Nesse campo, estão as causas mais profundas e as relações mais complexas para compreender a desigualdade e a fome como consequência permanente, com certas “sazonalidades” e/ou realidades mais conjunturais. Merecem atenção o modelo de desenvolvimento econômico e modo de produção “pós-industrial” e a quase consequente agricultura de exportação ou de *commodities*, com distintos impactos sobre a

48 RIVEIRA, Carolina, *Fome dispara no mundo e ONU aponta soluções; veja destaques do Brasil e outros países*, p. 3.

49 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 20.

50 *Ibid.*

51 UOL, *Fome atinge quase 830 milhões em todo o mundo*, p. 2.

52 *Ibid.*, p. 3.

53 Que as decisões políticas têm consequências, tanto por ações e talvez mais visivelmente por omissão – ao não buscar alternativas a problemas estruturais e/ou conjunturais como programas sociais e/ou a oferta de postos de trabalho – é algo razoavelmente conhecido. Embora controversa, historicamente ficou conhecida a iniciativa desenvolvida por Mao Tsé-tung, na China, entre 1958 e 1961, que teria imposto o deslocamento de trabalhadores da agricultura para outros setores e a mudanças nas técnicas agrárias que se mostraram ineficientes, gerando drástica queda na produção de alimentos e milhões de mortos. (GUIA A FOME NO MUNDO, *Causas, consequências e soluções para um mal que assola o planeta*, p. 11.)

população. As consequências mais diretas são o encarecimento do alimento, com a dificuldade de acesso para as camadas populares, e o consumo de industrializados, às vezes composto secundário do grão, produzido a poucos quilômetros de onde será consumido.

Embora fenômenos naturais como secas prolongadas produzam efeitos em si mesmas, não podendo em tese ser evitados, eles não estão desconectados das regras de funcionamento da economia. A questão crucial do atual problema da fome no mundo está intrinsecamente ligada ao modelo de desenvolvimento econômico concentrador e que premia de maneira desigual riquezas e bens, entre eles os fundamentais para garantir saúde e qualidade de vida. Isso revela que não se trata da incapacidade de produzir o suficiente, ou como se aventou em tempos passados, de que teríamos problema de desabastecimento por conta do crescimento populacional desproporcional à produção. O problema é de acesso e distribuição e/ou dos objetivos que orientam a produção não atenderem à demanda por alimentação. A lógica da economia do mercado produtivo e do sistema financeiro coloca em rotas desconexas pobres, miseráveis e famintos e produções recordes de alimentos e produtos agrícolas, sejam de origem vegetal ou animal.

O sistema econômico, o processo produtivo e a teoria econômica mostraram preocupação com o crescimento econômico e com a ampliação da riqueza ou mesmo em aumentar o consumo, porém a redução da pobreza ou o atendimento aos excluídos não tem recebido a mesma atenção⁵⁴. Para Jung Mo Sung⁵⁵, a mudança de foco da necessidade para o desejo é expressão de uma transformação profunda no modo de agir, além de expressar o domínio da lógica do mercado sobre as noções cristãs, focadas no atendimento às necessidades básicas. “Quando se pensa em partir dos desejos não há limites, se busca o ilimitado. E quando se deseja o ilimitado nunca sobra nada para partilhar; sempre falta. Portanto, não se aceita um diálogo sobre redistribuição de renda e riquezas”⁵⁶. À medida em que se avança do critério da necessidade para o limite a busca pessoal e o parâmetro do que pode ser considerado justo ou ético perde o sentido, abrindo espaço para o acúmulo ilimitado de bens. O resultado não é apenas o crescimento ilimitado da desigualdade, mas também sua legitimação social, sendo apontado inclusive como fruto do mérito pessoal.

Temos consciência de que a fome é um problema histórico, portanto, crônico da humanidade. O Guia “A fome no mundo”⁵⁷, que resgata os períodos e regiões em que a fome assolou de maneira mais acentuada, faz menção inicial ao Império Romano, ano 476 a.C. Os fenômenos naturais e os conflitos são como que os traços conjunturais, responsáveis por expressar que grupos sociais estavam em situação de miséria e fome em cada período histórico. Isso dependia das medidas políticas e até da transformação da fome em estratégia para enfraquecer e/ou tornar vulnerável o inimigo de guerra. Em outras palavras, o efeito humano, com benefícios políticos e econômicos para um grupo em detrimento de outro sempre está presente, seja por omissão e/ou decisão deliberada. No contexto atual, de economia globalizada faz-se necessário um diagnóstico detalhado para perceber as sutilezas e relações indiretas das políticas de financeirização da economia e das ações das grandes corporações, com impactos gigantescos sobre as economias dos países.

Uma passada rápida pelo tema da agricultura revela como o modelo de desenvolvimento econômico se articula e, de alguma maneira, condiciona seu funcionamento. É visível o incentivo ao agronegócio, através de linhas de crédito e de práticas permissivas quanto à utilização de defensivos agrícolas ou mesmo práticas que permitem avançar para cima de regiões de matas, como no caso da Amazônia. O agronegócio é poderoso e tem tido muita força política para fazer atender suas demandas, avançando para

54 SUNG, Jung Mo, *Desejo, Mercado e Religião*, p. 54.

55 *Ibid.*, p. 55–56.

56 *Ibid.*, p. 57.

57 GUIA A FOME NO MUNDO, *Causas, consequências e soluções para um mal que assola o planeta*, p. 10–13.

a concentração de terras e dispersando mão de obra, pessoas que vão disputar os escassos e precários empregos, com a utilização de grandes máquinas e alta tecnologia. “Poderosos comerciantes de produtos agrícolas, empresas de alimentos e bebidas e supermercados que dominam o setor de alimentação conseguem ditar o preço e os termos do comércio de alimentos”⁵⁸. O poder de barganha e pressão exercido pelas grandes corporações que atuam na comercialização de *commodities* produz redução de custos e maximização de lucros, submetendo produtores e trabalhadores a salários de pobreza e forçando-os a arcarem com os riscos da produção.

Por outro lado, “milhões de pequenos agricultores e trabalhadores estão lutando para sobreviver”⁵⁹. O fato de boa parte dos agricultores ficar à margem de políticas governamentais tem grande impacto na insegurança alimentar da população, especialmente, porque produzem grande parte de frutas, legumes e verduras e por isso podem ser considerados a espinha dorsal na produção de alimentos⁶⁰. A relevância das mulheres neste campo também merece atenção. Segundo estimativa da ONU para Alimentação e Agricultura (FAO), se “as mulheres tivessem o mesmo acesso a recursos produtivos que os homens, elas poderiam aumentar a produção em suas propriedades rurais em até 30% - reduzindo o número de pessoas que passam fome no mundo em até 17%”⁶¹.

3.1 A economia que serve aos donos do dinheiro

As mutações recentes da economia globalizada têm efeito imediato e prolongado na reestruturação do mercado produtivo. O predomínio nos últimos 40 anos das políticas econômicas neoliberais, marcado pela lógica privatista, que defende a diminuição dos custos sociais do Estado e a desregulação da economia porque fundamentada na ideologia de que os capitalistas dinamizam e aquecem as transações econômicas. É como se o Estado fosse concebido como inibidor das iniciativas individuais e, além de não estimular o desenvolvimento econômico, sua atuação seria responsável por criar barreiras à concorrência privada, motor do desenvolvimento. Na prática, exige-se que o Estado atue segundo critérios privatistas, fazendo crer que a liberdade absoluta ao mercado cria mecanismos em que todas as pessoas sejam beneficiadas. A desigualdade é, para estes, consequência natural e regra justa, beneficiando trabalhadores e espertos, e punindo preguiçosos, inconsequentes e aqueles que não conhecem as leis do mercado.

O neoliberalismo é uma etapa específica do capitalismo, que tem em sua natureza a lógica intrínseca do lucro por parte de quem investe. Embora cada país tenha construído uma experiência a seu modo, algumas experiências históricas tiveram impacto grandiosos para que a mentalidade e a materialidade do Estado de bem-estar, fundamental na reconstrução do pós-guerra, fosse transformado em Estado (e ampliado para um modo de vida) neoliberal. A Inglaterra de Margaret Thatcher e os Estados Unidos de Ronald Reagan foram decisivos à medida que tiveram força política e usaram truculência policial para impor derrotas à organização sindical e às conquistas trabalhistas, liberando o mercado para uma nova fase de ampliação dos lucros. Aliás, essa realidade revela o quanto o “fim do Estado” não é propriamente um desejo dos capitalistas neoliberais, ao menos até que organizem seus exércitos de seguranças particulares.

É preciso olhar para os efeitos econômicos das políticas neoliberais para além da ideologia que sustenta a noção de que seria a única fórmula capaz de gerar aquecimento econômico. “Efeitos redistributivos e uma desigualdade social crescente têm sido de fato

58 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 11.

59 *Ibid.*

60 RIVEIRA, Carolina, *Fome dispara no mundo e ONU aponta soluções; veja destaques do Brasil e outros países*, p. 4.

61 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 6.

uma característica tão persistente do neoliberalismo que podem ser considerados estruturais em relação ao projeto como um todo”⁶². A noção de reestruturação do poder de classe e os dados imediatos de concentração de renda ficam em evidência. “O 0,1% mais rico dos Estados Unidos aumentou sua parcela da renda nacional de 2% em 1978 para mais de 6% por volta de 1999, enquanto a proporção entre a compensação mediana dos trabalhadores e o salário de CEOs passou de apenas 30 para 1 em 1970 a quase 500 para 1 por volta de 2000”⁶³. A Grã-Bretanha, Rússia e também a China gerou, com a adoção de práticas do livre mercado, surtos extraordinários de concentração de riqueza e desigualdade socioeconômica⁶⁴. A concentração da riqueza, associada a medidas de aceleração e ampliação de serviços financeiros, fim a sociedade de subsistência e ao alto uso de tecnologia e mudança na matriz produtiva, flexibilização das leis trabalhistas e a considerável precarização do mercado de trabalho tornam uma parcela importante da população sujeita à renda insuficiente ou inexistente. A fome é a realidade trágica da outra ponta da riqueza, das fusões e reestruturações das grandes corporações, das transações financeiras isentas de impostos e dos altos salários por empregos escassos.

Nesta fase, o capitalismo de mercado interfere profundamente nas bases do modelo de produção, amplia de maneira drástica a margem de lucratividade e as possibilidades de investimento, com centralidade no “mercado especulativo” e profundos condicionamentos no funcionamento da economia global. E isso tem consequências no aumento da fome no mundo? Em seu conjunto, considerando a reorganização das empresas, as fusões e a constituição de grandes corporações com predomínio de dividendos oriundos de ações e a definição da produção vinda do consumo e pelo retorno financeiro gerado, a economia gira a partir de novas bases, com interferência no mundo do trabalho e por consequência na rentabilidade das camadas populares. Dois pontos são fundamentais neste campo e se ligam direta e indiretamente à dificuldade de acesso à alimentação suficiente e adequada à parcela significativa da população: a) aumenta significativamente a margem de lucratividade do investimento especulativo, com a ampliação dos serviços bancários; b) a agricultura, principalmente o agronegócio, detentor de áreas de terra muito grandes e em crescimento (inclusive na Amazônia), centra sua produção em *commodities* e não em alimentos.

Essa lógica de funcionamento da economia gera vínculo entre a produção primária e o serviço financeiro, pelo caminho do dinheiro, além de, em termos gerais, gerar concentração, de capital, riqueza, propriedade e poder, financeirização e controle absurdo das grandes corporações sobre a política. O princípio de sustentação é: “grande demais para quebrar!”⁶⁵ Em economias em que muitas corporações têm orçamentos superiores e de muitos países, o risco apresentado à economia com a quebra de uma grande corporação não quer ser assumido por nenhum governo. Em economia de escala e em que o mercado regula a produção, produz-se o que gera alta margem de lucro. Alguns dados acerca do funcionamento da economia são bem relevantes para compreendermos a atual tendência ao investimento em serviços da dívida, títulos, ações e outras modalidades no campo dos serviços bancários ampliados. O primeiro dado diz respeito ao avanço da economia num ritmo aproximado de 1,5% a 2% ao ano⁶⁶, o que expressa uma lógica desproporcional de ganhos e perdas.

A remuneração do trabalho, no entanto, não tem acompanhado os progressos tecnológicos, como a robotização e outras tecnologias, que estão revolucionando os processos produtivos. A quase totalidade do aumento de riqueza adicional produzida vai para os 10% mais ricos e, em particular, para o 1% superior. Esta renda nas mãos dos mais ricos, a partir de certo nível, já não tem como se

62 HARVEY, David, *O neoliberalismo: História e implicações*, p. 26.

63 *Ibid.*

64 *Ibid.*

65 Confira os acontecimentos recentes do *Credit Suisse* e os detalhes da “compra do banco”.

66 DOWBOR, Ladislau, *A era do capital improdutivo: A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*, p. 139.

transformar em consumo, e passa a ser aplicada em diversos produtos financeiros, cuja rentabilidade está na ordem de 5% para aplicações médias, subindo para 10% para aplicações de grande vulto com gestores financeiros profissionais^{67 68}.

Chamamos a atenção para o ponto da disponibilidade de valores que não podem ser transformados em consumo e lembramos do episódio recente dos jogadores brasileiros que se alimentaram de “carne banhada a ouro”⁶⁹, fato que gerou repercussão. O escândalo não se deu por conta da existência, por óbvio não os únicos consumidores de tal especiaria e de tantos outros bens duráveis e não duráveis altamente sofisticados. Pode ir fundo na imaginação em todas as áreas possíveis de consumo. Pois bem, valores não podem ser transformados em consumo porque o nível da produção de bens de consumo não acompanha. É o que o raciocínio lógico faz pensar. Não havendo consumo possível, transforma-se em novo investimento com rentabilidade superior, consideravelmente superior, ao da “economia real”. Parece interessante saltarmos direto deste ponto, sem pontos de contato na vida real, à incapacidade de acessar os bens básicos, a alimentação cotidiana, o arroz, o feijão, sem a carne (mesmo aquela sem o ouro e às vezes só o osso). Essa é a imagem que queremos expressar em palavras ao leitor para traduzir o nível da desigualdade, a intensidade da barriga que dói por fome, porque está vazia de tudo, com a abundância de não ter onde “gastar o dinheiro”.

Uma questão importante a considerar neste contexto de sensibilização é que toda boa ação e mudança de atitude pessoal é fundamental. Mas é preciso, além da emoção que tende a ser temporária, o compromisso político e o controle estatal – só o Estado pode, se é que ainda pode, desde que seus representantes governamentais queiram e saibam como fazer – para mudar esta lógica. É precisamente neste ponto que se entende o porquê e de qual intervenção estatal os defensores do capitalismo neoliberal tinham ojeriza. Não parece possível resolver problemas de tamanha magnitude, embora expressos simbolicamente através de pessoas reais, sem discutir a economia global. E não se trata de desprezar soluções locais, comunitárias, antes pelo contrário, é ali onde ocorrem o reconhecimento pessoal e o resgate da dignidade, da identidade, algo que nenhuma medida governamental alcança. É que a realidade que salta aos olhos é reveladora. “Com o rendimento sobre o capital ultrapassando fortemente os avanços da própria economia, na realidade, gera-se um processo cumulativo de enriquecimento proporcionalmente maior dos que já são mais ricos”⁷⁰.

Para citar um outro ponto fundamental em termos econômicos e que tende a ampliar as desigualdades, ao menos no modo como está organizada a carga tributária brasileira. O tributo sobre o capital põe a carga em quem tem patrimônio elevado, enquanto o imposto sobre o consumo torna proporcionalmente oneroso para quem já tem baixa renda. Os paraísos fiscais são a ponta mais visível desse *iceberg* e porto seguro para quem quer manter grandes fortunas sem passar pelo fisco. Ao entendermos que o problema está relacionado ao acesso e distribuição dos bens e riquezas produzidos pela sociedade, não podemos ignorar esse debate, uma vez que na outra ponta de quem tem dificuldade de consumir por dispor de muito dinheiro está a precariedade, a instabilidade, a insegurança, o desemprego, a pobreza, a miséria e a fome, como expressam os dados.

67 Vale a pena dar atenção ao debate em torno dos juros que se estabelece no contexto brasileiro do início deste ano e buscar os desdobramentos sobre ganhos e perdas, beneficiados e prejudicados, dos juros altos.

68 DOWBOR, Ladislau, *A era do capital improdutivo: A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*, p. 139–140.

69 A notícia que virou polêmica ocorreu no Catar, em novembro de 2022, quando alguns jogadores e ex-jogadores da seleção foram a um restaurante em que essa carne fazia parte do cardápio. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/30/jogadores-na-copa-aproveitam-folgas-para-experimentar-carne-folheada-a-ouro.htm>> Acesso em 23 mar./2023.

70 DOWBOR, Ladislau, *A era do capital improdutivo: A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*, p. 140.

3.2 A racionalidade que sustenta a desigualdade e a fome

A racionalidade reforçada pela materialidade dos fatos é a concorrencial ou de desempenho. “O homem neoliberal é o homem *competitivo*, inteiramente imerso na competição mundial”⁷¹. Grifo dos autores). Primeiro se constitui um modelo bem específico de funcionamento da empresa e depois a empresa passa a ser as referências para tudo, desde as relações pessoais, o Estado, transformando a lei do mercado em lei universal. Trata-se de uma nova articulação ente os valores hedonistas do consumo e os valores ascéticos do trabalho. A corrosão progressiva dos direitos e a diminuição do poder de compra dos trabalhadores, com conseqüente dependência dos empregadores, somadas às exigências impostas pela dinâmica dos “sujeitos empreendedores” condiciona a que “se adaptem subjetivamente às condições cada vez mais duras que eles mesmos produziram”⁷². A empresa passa a ser um espaço de competição, apresentando-se como lugar de inovação, mudança, adaptação às variações da demanda do mercado e busca de excelência⁷³. Subjetivamente, torna-se um “especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição”⁷⁴. O processo é tão profundo que “a responsabilidade do indivíduo pela valorização do seu trabalho no mercado tornou-se um princípio absoluto”⁷⁵. A governança neoliberal de si mesmo “consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a insatisfação que se sente por desempenhos passados”⁷⁶. Em outras palavras: “A fonte da eficácia está no indivíduo: ela não pode mais vir de uma autoridade externa. É necessário fazer um trabalho intrapsíquico para procurar a motivação profunda”⁷⁷.

Essa mentalidade toma conta de corações e mentes, e se transforma em regra ou modo de vida. O mecanismo funciona a partir do cálculo do interesse pessoal, em que cada um foca exclusivamente nos benefícios pessoais possíveis. Ocorre que numa realidade de recursos escassos ou limitados a concentração gera como conseqüência a falta em outra ponta, não sendo se sustentando a noção de que todos ganham. Mesmo a atuação do Estado fica sujeito a questionamentos. A venda da dívida pública que permite a alta lucratividade para alguns não diminui o poder de investimento em setores cruciais como saúde e educação? Esta é uma prática sustentável a longo prazo? A estratégia de não perceber o efeito direto, uma possível precariedade no serviço público e que atinge a camadas populares, faz crer que todos ganham e que se trata de uma solução louvável. Quando, na verdade, trata-se de uma racionalidade amarrada via sistema econômico, criando condicionamentos, capturando a subjetividade e sustentada ideologicamente.

no mundo em que mandam os mercados da riqueza, os vencedores e perdedores se dividem em duas categorias sociais: os que, ao acumular capital financeiro, gozam de “tempo livre” e do “consumo de luxo”; os que se tornam dependentes crônicos da obsessão consumista e do endividamento estão permanentemente ameaçados pelo desemprego, e, portanto, obrigados a competir desesperadamente pela sobrevivência. Esses controles suaves e despóticos foram se apoderando das mentes e das almas e apresentados como a prova da soberania do indivíduo⁷⁸.

71 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian, *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, p. 322.

72 *Ibid.*, p. 329.

73 *Ibid.*, p. 330.

74 *Ibid.*, p. 330–331.

75 *Ibid.*, p. 335.

76 *Ibid.*, p. 344–345.

77 *Ibid.*, p. 345.

78 BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel, *A escassez na abundância capitalista*, p. 94.

Se a materialidade sustenta a subjetividade, esta é transformada em racionalidade coletiva que ratifica o funcionamento do modelo, criando uma circularidade importante para a manutenção do atual estágio das coisas. A captura da política se dá de forma direta a partir da atuação de representantes nas instâncias legislativo e executiva e através da pressão ideológica de representantes no mundo acadêmico e midiático. Não se trata de conspiração, mas de sustentação ideológica originada na formação acadêmica e no financiamento direto ou indireto. Quem ousa questionar no campo político, sabendo que a profecia pode custar não apenas as próximas eleições, mas o aniquilamento de reputações. Neste sentido, é fundamental a criação e fortalecimento de espaços alternativos para a formação crítica. É preciso reconhecer que o momento histórico é de crise de utopias e criatividade, o que fragiliza as poucas iniciativas que se alimentam da cooperação e do espírito de solidariedade. Quem acredita não pode desistir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fizemos, neste texto, um diagnóstico das principais causas, em abordagem ampla, da fome no mundo, tema indissociável do debate acerca das regras que regem a economia. À medida que submetemos o funcionamento da sociedade às regras do mercado financeiro temos que estar conscientes de que avançamos na direção da concentração de poder e riqueza, aprofundando a desigualdade, portanto, a miséria e a fome. As guerras, na quase totalidade produzidas pelo interesse financeiro, e as crises climáticas estão entre causas importantes, sem esquecer do modelo econômico que pune os vulneráveis. A racionalidade baseada no cálculo do interesse pessoal não produz condições favoráveis para o fim da fome e nem se quer colocar esta possibilidade em pauta. Aliás, do ponto de vista lógico e a partir do que apontam os indícios e sinais mais visíveis caminhamos na direção contrária ao da solução da fome. Não estamos suficientemente empenhados, enquanto humanidade, nem se quer aceitando, muito menos desejando, uma sociedade para todos. Seria o caso de abandonar a esperança e as utopias de dias melhores? Aos cristãos implicaria abandonar a fé no Deus da promessa, que caminha e faz História.

Um sistema que permitiu que as 8 maiores empresas de alimentos e bebidas do mundo desembolsassem mais de US\$ 18 bilhões para os seus acionistas desde o início de 2020, no mesmo momento em que a crise do COVID-19 se espalhava pelo mundo. Esse valor equivale a mais de 10 vezes o volume de recursos para assistência alimentar e agrícola solicitado no apelo da ONU por ajuda humanitária diante da COVID-19⁷⁹.

“A fome é um lembrete de que a humanidade é responsável por suas próprias necessidades. Coloca diante de nossos olhos tanto a nossa condição de viventes mortais quanto a nossa responsabilidade para com as necessidades de cada um”^{80 81}. A fome é urgente e quem a sente não está preocupado em saber por que ela existe. A fome é para ser saciada. Aí cabe elogio e incentivo a iniciativas, campanhas de doação de alimentos, que visam atender o problema imediato. O trabalho incansável desenvolvido sob a liderança de padre Júlio Lancelotti na Pastoral do Povo de Rua, em São Paulo, em nível eclesial, e o Programa Fome Zero, em nível governamental, estão entre as iniciativas louváveis. Infelizmente, enquanto sociedade, estamos tendo dificuldade de atender a urgência e ainda avançando na direção da ampliação do fosso que separa quem tem acesso de quem depende da “caridade” de outros. Enquanto para alguns, acabar com a fome é questão ética ou

79 OXFAM, *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*, p. 2.

80 A frase é de Alexandre Soljenitsyne em artigo do Instituto Humanitas Unisinos.

81 FRÉDÉRIC, Boyer, *O inferno é a fome*, p. 2.

compromisso político, os cristãos são movidos pela fé e pela esperança a atuarem na defesa da vida. A fome deve gerar desconforto e nos incomodar porque são nossos semelhantes que estão à beira do caminho, clamando por socorro.

Acabar com a fome no mundo não pode se reduzir a campanhas esporádicas ou permanentes. É preciso avançar no resgate da dignidade a partir da oportunidade de trabalho e da conquista do “pão de cada dia”. É possível pensar, depois de tantos avanços tecnológicos e de tamanha reestruturação produtiva, numa sociedade com trabalho para todos? Quem não tem trabalho não merece comer? A terceira grande revolução, tecnológica e/ou informacional, traz à tona alta produtividade com dispensa de mão de obra. É urgente e decisivo para garantir condições mínimas de vida avançar na implementação de uma renda básica universal. Discuta-se as bases, as fontes de recursos e a maneira de gerenciar, não se adie a medida, sob pena do caos social. É papel dos Estados-nação e sustenta-se na noção mínima de coletividade e interdependência.

Mesmo sabendo da complexidade do problema temos que invocar a esperança. A crença nas pequenas alternativas e na capacidade de buscar saídas a partir dos pequenos grupos, das iniciativas comunitárias, de trocas, de compartilhamento e de pequenos gestos de solidariedade produz novidade e revigora a esperança. Ao lado dessas iniciativas, a esperança na transformação da realidade e na superação do problema precisa levar à criatividade e ao compromisso político com mudanças estruturais. Devemos cultivar o espírito de mansidão e promover a paz, ao mesmo tempo em que o momento exige certa ira. Quando se trata de situações de injustiça, produtoras de miséria e fome, a indignação e a ira devem tomar nosso ser, denunciando práticas e atitudes incoerentes com o espírito do Evangelho. Como afirma Aldir Blanc, “A fome tem que ter raiva para interromper”⁸².

Se não há solução para a fome sem mexer na economia, precisamos entender e fazer pressão para que ela não seja reduzida a mecanismo de concentração, em que grandes corporações ganham cifras exorbitantes às custas da miséria de muitos. Todavia, é preciso ter clareza de que as pessoas resistem a abandonar seus “impérios” e o engajamento implica tocar a subjetividade. Assim como a adesão às políticas neoliberais tocaram à subjetividade, a mudança necessita de pontos de contato, de valores que toquem as pessoas. Enquanto diagnóstico, o engajamento com aderência atual é o da ultradireita política somada ao conservadorismo de costumes. Não parece que daí vá surgir compromisso obsessivo pela justiça social. Sejamos criativos, porque sem adesão pessoal e sem a capacidade de produzir sentidos e significados subjetivos nenhuma causa, por mais nobre ou urgente que seja, produz adesão por si só.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. *A escassez na abundância capitalista*. São Paulo: Contracorrente, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Eschalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRÉDÉRIC, Boyer. *O inferno é a fome*. Trad. de Luisa Rabolini. 2022. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/624743-o-inferno-e-a-fome>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GUIA A FOME NO MUNDO. *Causas, consequências e soluções para um mal que assola o planeta*. São Paulo: On Line, 2016.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: História e implicações*. 5a E. São Paulo: Loyola, 2014.

82 VANNUCHI, Camilo; CAMARGO, Simone de, *Fome: como enfrentar a maior das violências*, p. 7.

LADISLAU, Dowbor. *A era do capital improdutivo: A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*. 2a Ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

OXFAM. *O Vírus da fome: Como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto*. [s.l.]: OXFAM, 2020. Disponível em: <www.oxfambrasil.org.br>. Acesso em: 20 dez. 2022.

RIVEIRA, Carolina. Fome dispara no mundo e ONU aponta soluções; veja destaques do Brasil e outros países. *Exame*, 2022. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/fome-brasil-mundo-2022/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião*. 4a Ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

UOL. *Fome atinge quase 830 milhões em todo o mundo*. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/10/13/fome-atinge-quase-830-milhoes-em-todo-o-mundo.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

VANNUCHI, Camilo; CAMARGO, Simone de. *Fome: como enfrentar a maior das violências*. São Paulo: Discurso Direto, 2022.

Brasil tem mais de 21 milhões de pessoas que não têm o que comer todos os dias e 70,3 milhões em insegurança alimentar, diz ONU. *G1*, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/07/12/brasil-tem-101-milhoes-de-brasileiros-passando-fome-e-703-milhoes-em-inseguranca-alimentar-aponta-onu.ghtml>>. Acesso em: 31 jul. 2023.